

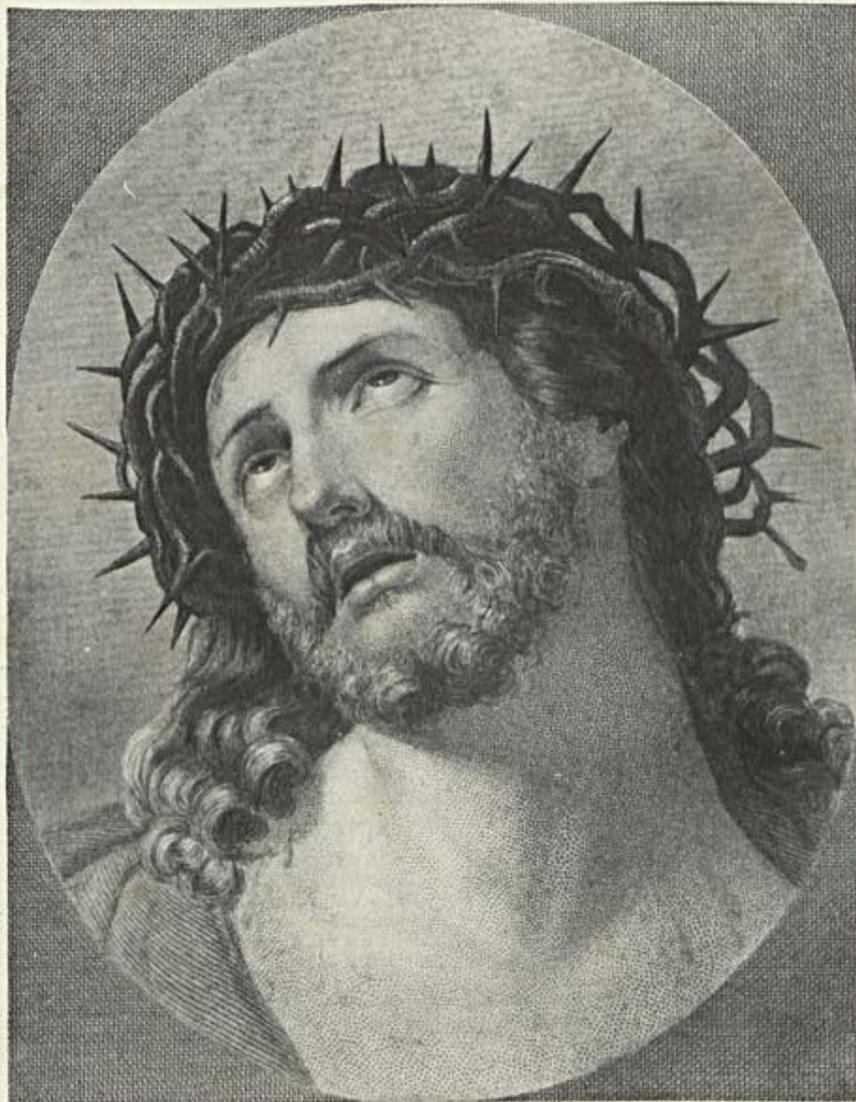
BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE MARÇO DE 1910

N.º 268

Semana Santa



Jesus Christo coroado de espinhos
(Quadro de Guido Reni)

NO CALVARIO



o mundo antigo vingara a sua lei contra um revoltado sonhador que, sem túnica de levita, prérgava fóra do Templo ás multidões famintas.

Jesus era um criminoso ou um louco irreverente. Para condemnar a adúltera, não lhe bastava um juizo individual nem a legislação de um povo: chamou a de- pôr no processo da lapidação toda a humanidade representada pelos accusadores.

A humanidade não atirou a primeira pedra, porque a pedra se revoltaria contra ella, e Jesus teria chorado sobre os despojos da humanidade que se suicidara.

Jesus, n'um gesto sublime, lembrára á humanidade o preceito que Jehovah mandara escrever nas táboas do Sinay: *Não matarás.*

Correu um dia, em Jerusalem, a nova de que Jesus, sendo descendente do rei David, lavara os pés de uns pescadores do Tiberiades. Logo os phariseus lhe chamaram um ambicioso calculista que se humilhava para se exaltar e subir ao throno da Judeia.

Era preciso avisar Pilatos, e Pilatos foi avisado, e Jesus não tremeu.

Podia Tiberio chamal-o a Roma que Jesus de Nazareth não curvava a cabeça em frente do seu throno divinizado. Já um dia lhe tinham offerecido os thronos do universo, e Jesus erguera a fronte n'um gesto de independencia.

Elle daria a Cesar a moeda do tributo, mas não lhe entregaria a dignidade da sua consciencia, a liberdade do seu espirito.

O tributo, sendo de metal, tira-se á terra sem lhe causar damno ou violencia, mas a liberdade, santa e pura como Jesus a comprehendeu, não pode dar-se sem causar a violencia e a deshonra do espirito.

Podia a justiça pharisaica atar-lhe as mãos para que o Rabbi da Galileia não lavasse, n'um gesto de egualdade, os pés de seus irmãos, podia atar-lhe os pés á dureza de uma columna para que o divino caminheiro não curasse as chagas de um maldito Samaritano, podia, á hora da morte, abafar-lhe as palavras de amor com uma esponja de fel — o que ninguem poderia, no futuro, era levantar a cabeça acima do nivel da egualdade por elle estabelecida.

E se a levantasse, tão alto havia de erguer-se em vaidade criminosa, que subindo a clamar privilegios para alem das nuvens, o Pae lhe tocara para o castigar.

O Samaritano, chaguento, desanimado, posto ao abandono na sinuosidade de um caminho ardente; o Samaritano que só conhecia os tributos do Cesar e nunca gosou um direito, nem ao menos



Jesus Christo ensinando a oração

a expansão natural de gemer; esse Samaritano, vilipendiado e abjecto, era o povo da Judeia, era o povo do mundo inteiro.

Jesus acercou-se d'elle, beijou-lhe a fronte para lhe reaccender a faisca etherea, apertou-lhe as mãos nas suas mãos, o peito contra o peito, febrilmente, anciosamente, para lhe communicar todo o calor das suas virtudes; e contando-lhe docemente, em parabolias, a theoria omnipotente das reivindicacões pacificas, curou-lhe as feridas e disse-lhe: *Agora, levanta-te e vem comigo.*

O povo, enternecido como um Lazaro resuscitado, acompanha-o a toda a parte, mas quando Jesus voltou ensanguentado da oração das oliveiras, não teve um amigo que o seguisse na via amarga.

"Tanto melhor!... A ingratidão era a primeira gotta que livava no calix da sua dôr.

Era preciso que o Propheta sáhsse da sua terra, era necessario que o seu espirito se libertasse do corpo para se derramar por todo o universo.

Então, quando o ultimo soluço lhe trouxesse aos labios o *Consummatus est* da Redempção social, elle ergueria sobre o mundo,



Jesus Christo prérgando

desde a rocha do Calvario ao pinaculo do Monte Aventino, o arco grandioso da rehabilitação humana, e mesmo pelas trevas da noite, emquanto o peso do seu corpo suspenso da Cruz fazia gemer a natureza inteira, elle havia de ir a Roma para acordar Tiberio; e ao som dos elementos que se entrechocavam em clarões de tragedia sob a luz mansa e esplendorosa d'esse arco triumphal cahindo sobre a terra como uma aurora vinda do céu, o Cesar Romano veria desfilar cantando um hymno de egualdade e liberdade todos os escravos do seu imperio.

— "*Cesar, o mundo levanta-se!*", bradar-lhe-hia Jesus. E o Cesar havia de tremer; não faria como o seu procurador judaico que lavara friamente as mãos no sangue do Justo.

Era este o sonho deslumbrador que Jesus acariciava na alma, quando, ao sahir do Jardim das Oliveiras, experimentou a grandeza da ingratidão humana.

Uma alma pura sabe transformar em suavidades inebriantes a dureza das supremas affrontas.

Chame-lhe a physiologia uma questão de temperamento; eu chamar-lhe-hei um milagre do coração que se acolhe ao seio da alma para lá converter em rosas balsamicas os espinhos das cruéis amarguras. Jesus que era a pureza e a omnisciencia para conhecer a leviandade d'aquella ingratidão, teve momentaneamente um desfalecimento de ternura, que bem podia chamar-se a innefavel suavidade de um preludio sentimental irradiando da glorificação proxima.

Sabia que os discipulos haviam de negal-o, que os seus irmãos o insultariam, mas a sua omnisciencia via no futuro os quadros do heroismo christão pintados com o sangue dos martyres, e esta visão enternecia-o, lançando-o na prostração indefinivel de que veiu acordal-o o beijo do Iscariote.

Estava preso!

Preso?!

Mas alguém pode prender a Ideia, alguém pode atar a Verdade?

Sim, era necessario que alguém a prendesse no cume do Golgotha e que a ferisse n'um golpe, para que os seus vãos se elevassem acima dos homens.

Jesus tudo soffreu: o beijo de Judas, a lapidação da turba, a indifferença dos poderosos, a injuria dos phariseus, e, agora, pendente da cruz o corpo exangue, desejando colher na terra a recordação de um olhar piedoso, lançou em roda as pupilas amortecidas; mas em vez de um gesto amigo, viu o gume ensanguentado das lanças

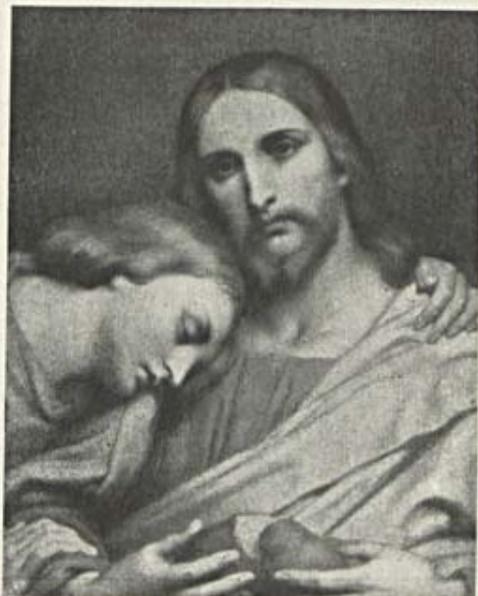
romanas, em vez de palavras carinhosas, ouviu o sarcasmo, vivo e penetrante, como o aço afiado das alabardas judaicas.

A amargura d'esta soledade, trazendo-lhe aos labios um soluço afflitivo, arrancou-lhe do peito esta exclamação maguada:

Pae, Pae, porque me abandonaste!...

A cruz estremeceu. Os filamentos da madeira dilatavam-se em palpações brandas, diffundindo-lhe por todo o corpo vibrações ternas de beijos demorados, impressos na madeira da cruz pelos labios de uma bocca dulcissima.

Jesus baixou os olhos sobre a terra, e uma lagrima de ternura,



Christo e S. João



O beijo de Judas

Fecharam-se-lhe os labios convulsivamente na concentração de uma dôr infinita...

Mas, de repente, o corpo estremeceu-lhe, e cada membro que tocava o pau da cruz, communicava-lhe um fluido suavissimo que parecia um balsamo de Abrahão, a derramar-se placidamente por todas as chagas abertas.

Jesus elevou os olhos para agradecer ao Pae aquella intermitencia consoladora, mas nada divisou que denunciasse um auxilio do Alto.

"Seria um lenitivo da terra?"

Esta interrogação intima trouxe-lhe a recordação de uma caricia tantas vezes gosada.

"Seria Ella? Oh! se fôra Ella?"

cabindo ao longo da cruz, veiu deslizar sobre uns cabellos de mulher.

Oh! sim, era Ella — era a Mãe, a mater-dolorosa que lhe seguira a esteira sangrenta da viagem, e que vinha receber allí, aos pés da cruz, a corôa de Rainha dos Martyres.

Ao chegar ao Calvario, Ella tinha exgotado o seu calix de amargura, cabindo desamparada nos braços do discipulo João; mas, quando os gemidos do Crucificado a chamaram á realidade, o calix encheu-se com o sangue do Filho.

Maria exgotou-o de novo, purificando-o com lagrimas, e desde essa noite do mez de Nisan, foi proclamada rainha dos Martyres e Mãe da especie humana.

Padre ALVARES D'ALMEIDA.



Pilatos lavando as mãos

Uma das esculpturas em barro, de Raphael Bordallo Pinheiro, destinadas ás capellas do Bussaco



Christo conduzindo a cruz

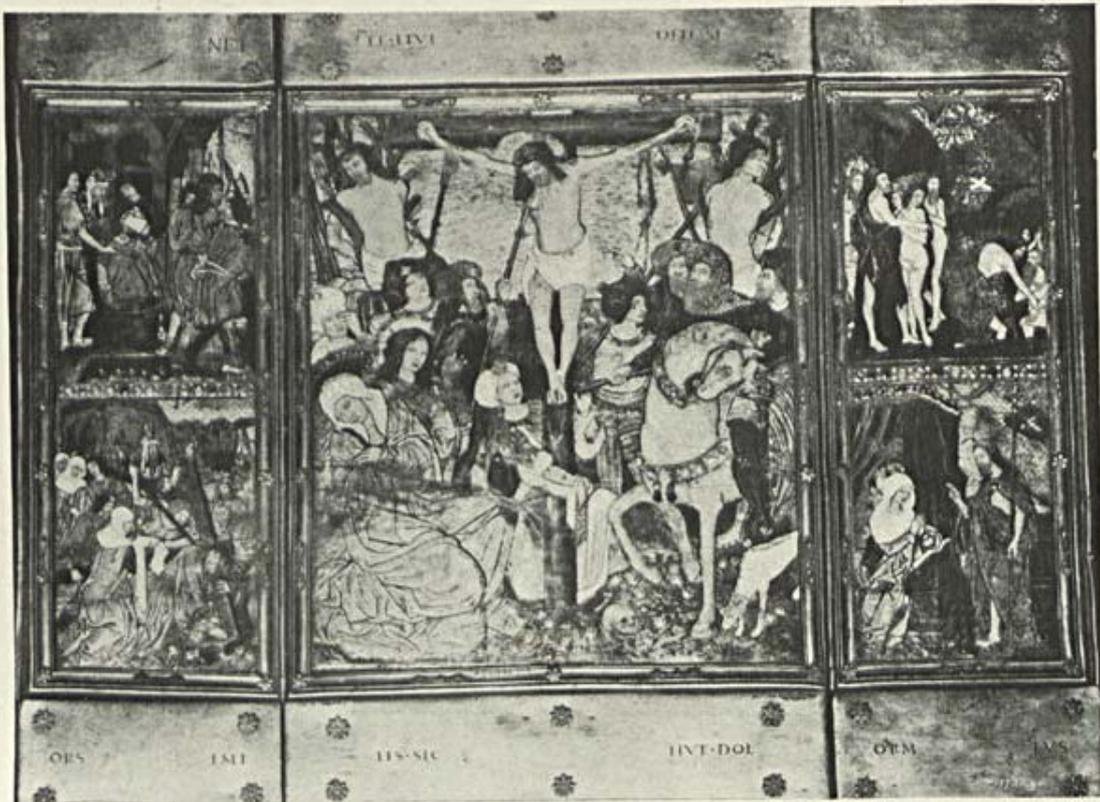
Quadro de Paulo Veronese existente no Museu de Dresde

Ritos funerarios

Os mais antigos ritos, recordados na Historia das Nações, são os praticados com os defunctos. As exequias, as cerimoniaes, o logar e o modo teem sido diferentes entre os antigos e os modernos, entre as nações civilisadas e as tribus selvagens. Muitos supõem que o unico fim de destruir ou depositar os cadaveres, tem sido, em to-

dos os tempos, o de não expôr os vivos aos miasmas, mas no facto deve ver-se uma razão muito mais nobre.

O pae que perde o herdeiro do seu nome, de seus titulos, de seus bens, a mãe que chora a morte de seu unico filho, a viuva que por um fatal incidente fica privada do seu protector, companheiro e unico consolo no mundo, não se apressam a pôr fóra os restos de tão amados objectos por temor de contagio, mas os depositam em logar seguro, onde possam ir ainda verter algumas lagrimas sobre sua sepultura, ou a contemplar em religioso silencio o sepulchro onde jazem. D. Joanna, mãe do famigerado Car-



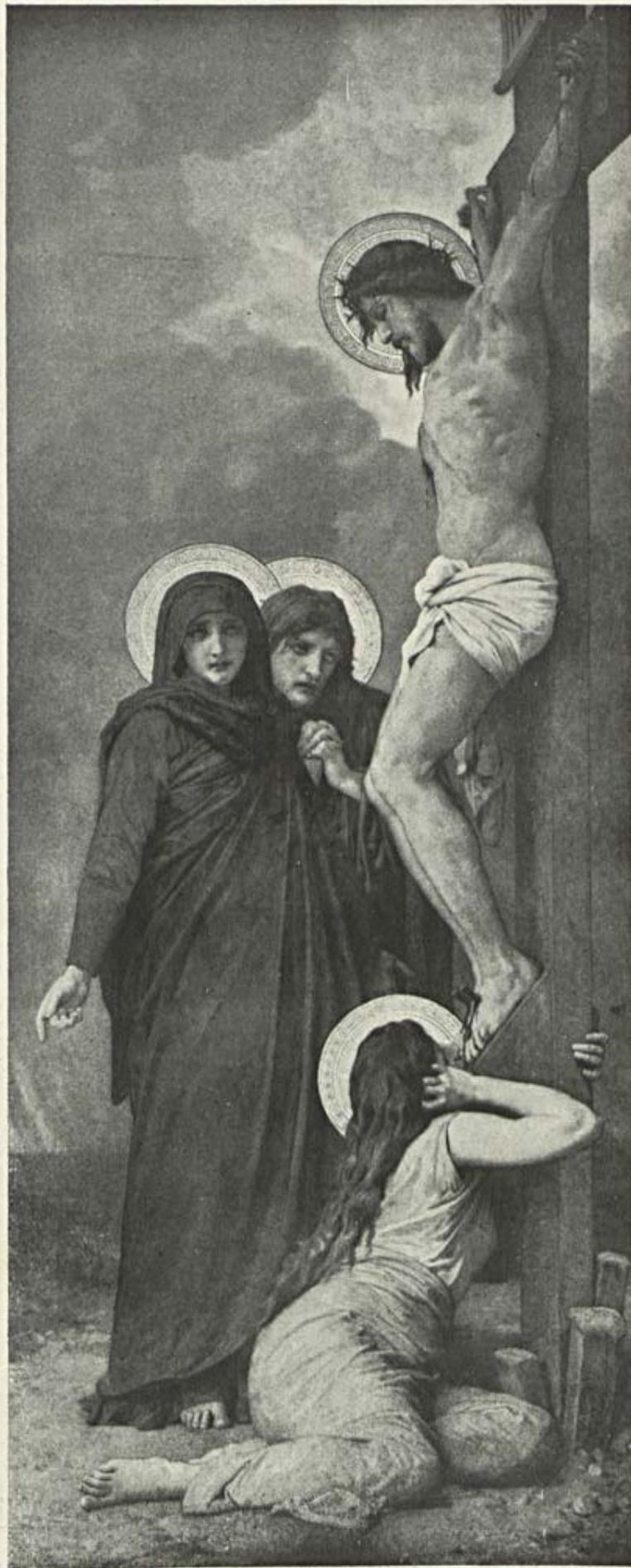
Jesus no Calvario

Quadro em esmalte, de Limoges, existente na Bibliotheca de Evora

los V, não consentiu nunca que se sepultasse seu marido Philippe I, mas o conservou sempre no seu aposento, e o fazia conduzir em sua companhia em todas as suas viagens. E' verdade que foi reputada louca por esta circumstancia, mas ella prova que o affecto pelos finados é muito superior ao desgosto, que póde causar a visinhança dos cadaveres, ou o receio do perigo que póde resultar de sua infecção. Porém, sem tratar das pessoas, mas sómente dos logares, acharemos que os cemiterios não teem jámais sido considerados como um logar de corrupção animal, mas como a habitação dos seus antepassados, por todos os povos civilizados antigos, e que elles se consideravam obrigados a respeitar e defender como sua propria patria. Vamos dar uma vista rapida aos ritos antigos.

Abraham comprou o campo Macpelah e enterrou n'elle a Sara, sua esposa, o patriarcha José levou os ossos de Jacob, seu pae, desde o Egypto á terra de Canaã, e os israelitas, trinta annos depois, os ossos do patriarcha José para lhes dar sepultura no campo e cova de Ephron, onde repousavam em paz os ossos de seus avós. Estes insignes exeniplos provam que os hebreus não só davam decente sepultura aos restos dos seus finados, mas que o logar era sempre fóra das povoações, e sempre reverenciado.

Os egypcios eram tão extremosos na veneração que professavam ao cadaver dos seus parentes, que não poupavam despeza alguma para embalsamar e defende los da putrefacção, tendo chegado sua arte á perfeição que attestam ainda hoje as suas mumias. Os indigenas das Ilhas Canarias seguiram a mesma pratica de embalsamarem os cadaveres, depositando-os em nichos ou em carneiros communs. Os assirios e os babilonios cobriam os cadaveres com cêra preparada á maneira de um certo balsamo, cuja preparação consideravam como um tributo de amizade antes de enterra-los. Os gregos e os romanos praticavam as ceremonias da combustão, e recolhendo depois as cinzas e os ossos, meio calcinados, os depositavam em urnas particulares, ou em catacumbas communs. Alguns romanos na verdade não queimavam os cadaveres de alguns seus mais caros parentes, mas os sepultavam nos jardins de suas casas, erigindo-lhes bellas pyramides com epitaphios e inscripções. Algumas nações da India, principalmente na margem do Ganges, levadas da mais gros-



Jesus Christo crucificado

Quadro do pintor W. Bouguereau

seira superstição, arrojam os cadaveres ás aguas d'aquelle famoso rio, onde os vivos quasi todos os dias vão fazer suas religiosas oblações, e benzer-se com suas aguas, para se purificarem dos seus peccados. Algumas tribus da America meridional suspendiam os cadaveres em arvores, em uma especie de rede de varas, adornada com tranças de cabelo, como o mais precioso tributo que podiam offercer-lhes.

Outras tribus do centro da America dessecavam os cadaveres, e assim reduzidos como a esqueletos, os punham sentados, vestidos e adornados com seus pennachos em uma cova, que abriam todos os annos para mudar-lhes seus vestidos e enfeites. Os esquimós e outras tribus, que habitam logares quasi sempre cobertos de neve, cobrem seus cadaveres com fortes engradamentos de pau para que as feras os não possam tocar. Portanto, vemos o respeito que todas as nações, em todos os tempos, teem tributado aos finados, e que, ou seja sepultando-os na terra, ou na neve, seja arrojando-os á agua, ou suspendendo-os no ar, seja reduzindo-os a cinzas, ou conservando-os recheados de aromas e balsamos conservadores, o objecto é sempre um, é honrar os restos mortaes de seus amigos, seguindo-se em consequencia o livrar os vivos da corrupção, que aliás fariam na atmosphaera.

A Historia do Brasil na Torre do Tombo

Se tivermos presente que o Brasil constituiu com o nosso paiz, durante mais de tres seculos, uma só nacionalidade e que a Torre do Tombo é o archivo geral do reino portuguez, avaliaremos como deve ser abundante a riqueza documentaria referente á historia brasileira ali guardada e como devem interessar aos nossos irmãos d'alem-Atlantico todas as publicações sahidas d'aquelle Archivo.

Que enorme distancia não vae da propecta carta de Caminha, noticiando o apparecimento da terra de Santa Cruz, — tão commentada por occasião do centenário da descoberta da America — até aos livros de registo da correspondencia para o foragido D. João VI, ultimamente enviados pelo director da Torre do Tombo, sr. dr. Antonio Baião, á exposição do centenário da Guerra Peninsular! N'esse intervallo quantos

milhares de codices ou documentos nos fallam da historia do Brasil!

E como o inventario d'elles lhe deve interessar!

Foi por uma collecção, que abrange um periodo agitado da vida brasileira, que se começou agora a publicar o *Inventario da Torre do Tombo*. Intitula-se o primeiro volume *Inventario dos livros das portarias do Reino* e abrange summarios de registos, ineditos na sua quasi totalidade, desde 1639 a 1655, em que são comprehendidas mercês feitas em consequencia de serviços prestados no Brasil, na grande guerra com os holandezes.

Para se ver o interesse extraordinario que tal publicação tem para a nação brasileira basta dizer que só referencias a Pernambuco ha mais de duzentas e outras tantas á Bahia! Vae bastante adeantada a impressão do volume segundo, que egualmente deve interessar muito a todos os que documentalmentemente pretendam conhecer a historia brasileira.

Visita de El-Rei á Junta do Credito Publico

Nos fastos d'aquella antiga e honrada instituição ficou assignado, entre todos, o dia 14 de Março de 1910.

E' que o chefe do Estado com a sua visita, que nem nos nossos tempos nem na Historia tivera precedentes, ampliou, e se é possível, consolidou os creditos que no paiz e lá fóra de ha muito conquistou a Junta do Credito Publico.

Relevantes serviços prestava ella á nação — disse-o El-Rei, e estas palavras não podem ser mais consoladoras para o espirito nacional porque significam a verdade e traduzem a impressão publica sobre o valor social de uma instituição, cujo fim supremo é fiscalizar a distribuição legal dos mais importantes valores do Estado.

A sessão solemne em honra do soberano, authenticada com a assignatura regia no livro dos visitantes, sessão em que a Presi-

dencia poz em relevo os serviços que a Junta tem prestado, e em que o Rei, como o primeiro magistrado da nação, garantiu, na sua palavra vibrante, a excellencia d'esses serviços, ficará para sempre memoravel e será escripta na pagina de ouro reservada a perpetuar o nome glorioso das mais nobres instituições nacionaes.

A cerveja

A cerveja, cuja origem se perde na noite da historia (dizem que se bebia cerveja nas agapes de Osiris) é um liquido alcoolico artificial, producto de uma transformação do amido dos cereaes em glucose e em dextrina pela acção de um fermento vegetal chamado *diatase*. O lupulo fornece á cerveja o seu principio amargo e o seu oleo essencial aromatico.

O desprendimento do acido carbonico pela fermentação alcoolica dá á cerveja o seu sabor picante e a sua effervescencia. Todos os cereaes podem servir á fabricação da cerveja. Ordinariamente é aproveitada a cevada.

Na America utiliza-se o milho.

O *faro* dos belgas tem o grão de trigo por base. O *arack* dos arabes é uma cerveja de arroz.

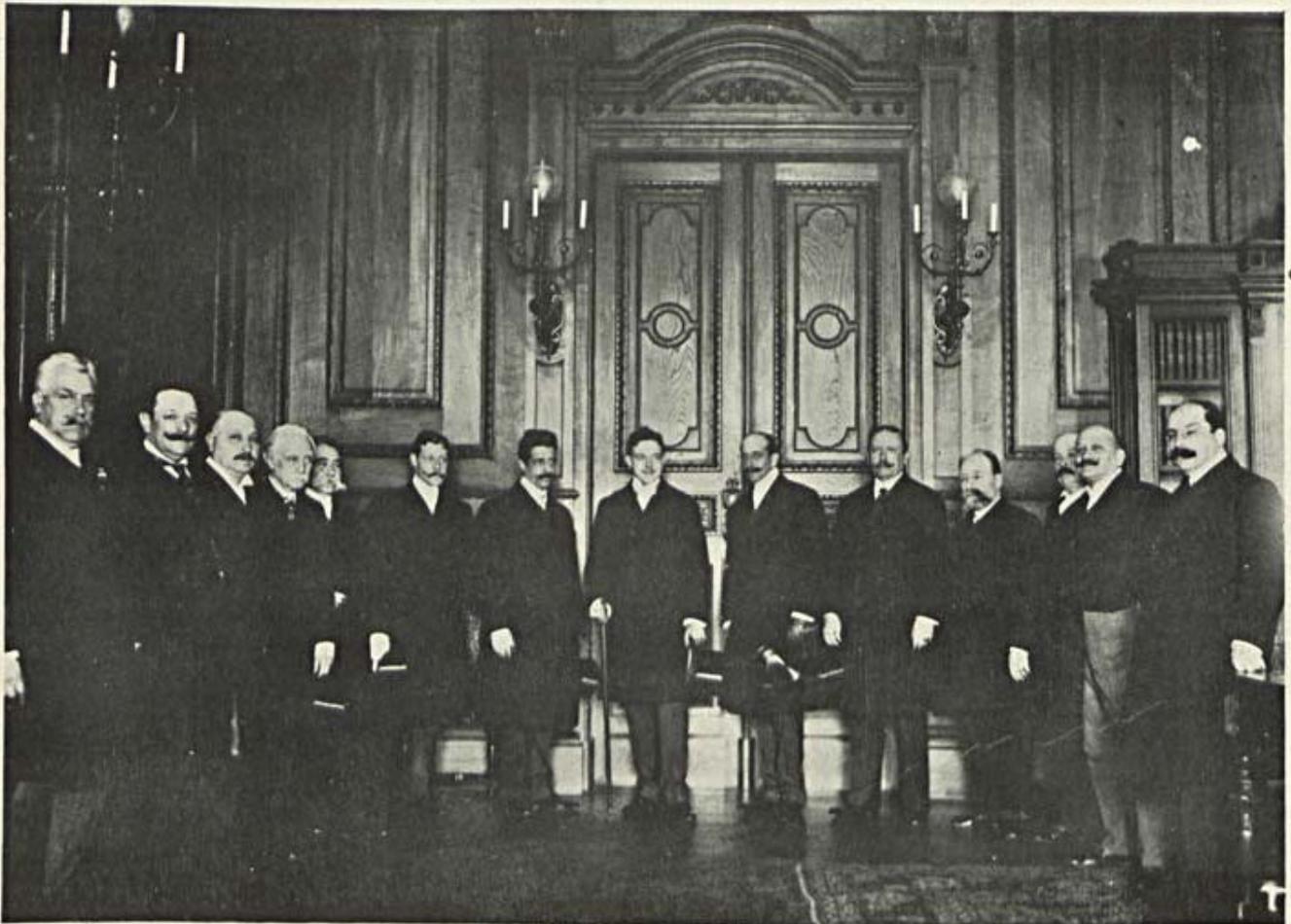
O centeio, a aveia, o trigo mourisco e o milho podem tambem dar os vinhos de cereaes, mas estes productos perturbam se e acidulam-se facilmente.

O *porter*, a cerveja tonica dos inglezes, é aromatisada com baga de zimbro.

A cerveja é a bebida nacional dos povos do norte. Empresta ás raças saxonias uma parte da sua caracteristica, e a sciencia ethnologica differencia, com bastante exactidão, os povos da vinha e os povos do lupulo.

O uso habitual da cerveja engorda os organismos pela acção do assucar, da fécula e do alcool e acalma o systema nervoso pelo *lupulino*, principio activo do lupulo.

Visita de El-Rei á Junta do Credito Publico



Ao centro: El-Rei. A' direita: *Conselheiro Soares Branco, ministro da fazenda, Marquez do Lavradio, Luiz Eugenio Leitão, Marquez de Borba, vogaes da Junta, Avellar Telles, chefe da contabilidade, Alves do Rio, thesoureiro, Ernesto Bartholomeu, chefe de accção.*
 A' esquerda: *Conselheiro José da Silveira Vianna, presidente interino da Junta, Visconde de S. Sebastião, director geral, Conselheiro Gouveia Prego, chefe da repartição central, Feijó Barreto, chefe da repartição do assentamento, Jayme Victor, 1.º official archivista, Dr. Mattoso de Castro, ouvidor.*

Não nos compete insistir aqui sobre os methodos de fabricação da cerveja, methodos que aliás differem nos diversos povos productores, na Baviera, na Inglaterra, na Belgica. A cerveja é ao mesmo tempo uma bebida refrigerante, agradável para os fortes e um tónico para os debilitados e cacheticos, a cujo estomago arruinado ella dá vigor e appetite.

Tonica e fortificante, reconstituinte e analeptica, a cerveja é um agente muito empregado no arsenal da medicina pratica. O seu aspecto effervescente, a côr de ambar, o gosto macio e fresco, as suas qualidades espirituosas e aromaticas, a sua riqueza em phosphatos e em alimentos mineraes, fazem da cerveja bem preparada a melhor bebida, a mais quente e a mais agradável ao estomago.

Sendo de boa qualidade, vem a ser um verdadeiro pão liquido, indispensavel ás constituições pobres. O tubo digestivo mesmo o mais enfraquecido, absorve a e assimila a maravilhosamente.

Ha enfermos que não toleram nenhum alimento, nem mesmo o leite, e aceitam de boa mente a cerveja, cujos efeitos beneficos se fazem sentir rapidamente. Os anemicos, os nervosos, os rachiticos, os dyspepticos, os escrofulosos, os tysicos, os escorbúticos devem á cerveja verdadeiros milagres, e os convalescentes devem-lhe o levantamento rapido das forças pelo aperseioamento e acceleração do acto digestivo.

Os maiores medicos, falando da cerveja, attribuem-lhe sempre uma importancia preponderante. Hippocrates, Aristoteles,

Visita de El-Rei á Junta do Credito Publico



A primeira pagina do livro dos visitantes assignada por El-Rei

Boheraaye, Stoll, Sydenham, Frank, Récamier, Trosseau e outros, fizeram a apologia das propriedades hygienicas e alimentares por excellencia do vinho de cereaes.

Em todo o artigo de hygiene alimentar ha o reverso da medalha, isto é, a historia das falsificações de que é objecto o artigo em questão.

Em geral, apparecem maisas cervejas estragadas do que as realmente prejudiciaes á saúde. Ha muitas coloridas com o caramelo, com alcaçus, com salgueiro.

Um dos maiores inconvenientes que traz consigo a cerveja estrangeira é que para sahir dos paizes productores, Baviera, Hannover, etc., é necessario alcoolisal-a para a conservar.

Como distinguir a boa da má cerveja? A cerveja boa deve ser limpida, brilhante, ter uma espuma de bôlhas finas e coherentes e um cheiro aromatico.

Um gosto demasiado acre denuncia uma substancia estranha ao lupulo; o gosto adocicado denuncia a presença da glicerina; o gosto resinoso mascara em geral uma alteração. Em razão da sua composição, da sua pouca acidez, a cerveja é uma bebida delicada, sujeita a alterações analogas ás do vinho, mas ainda mais frequentes e mais graves, porque, geralmente, não teem remedio.

Os germens existem no ar, principalmente durante o verão. A cerveja pôde tomar se corredia, amarga, lactica, acetica, negra, putrida, e estes estados definem se por si mesmos, acompanhando se sempre de uma modificação de sabor e de uma turvação que raras vezes se restabelece.



Sala das sessões da Junta do Credito Publico

Como se obteem as essencias das flôres

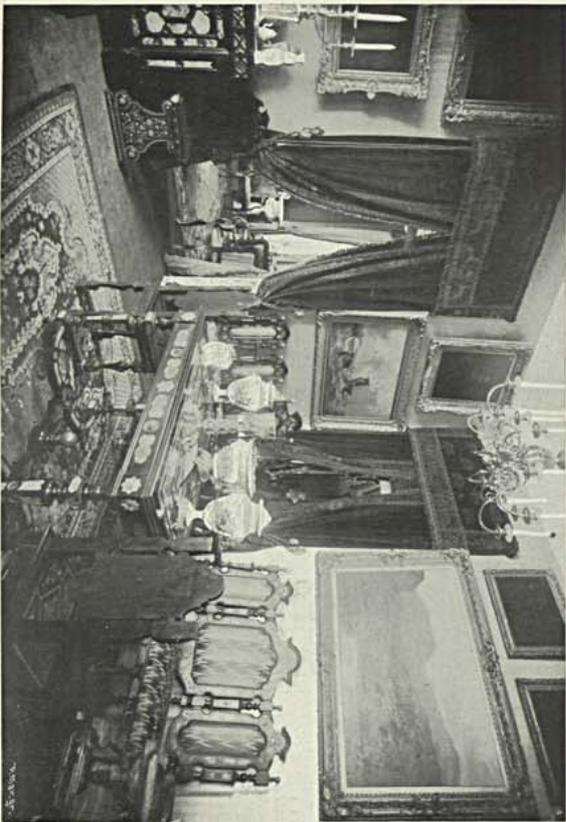
Colhem-se as flôres de manhã quando estão enxutas de orvalho, limpam-se, expõem-se ao sol, quando se trata de flôres de cheiro muito activo; mettem-se ás camadas dentro de uma caixa de folha de Flandres com algodão em rama humedecido em oleo de amendoas doces puro e sem cheiro; cada camada de flôres deve ser seguida de uma camada de algodão, comprime-se o conteúdo da caixa por meio de uma pedra liza ou d'uma placa de chumbo pesada que obrigue as flôres a communicar ao oleo as suas partes aromaticas.

Fecha-se a caixa hermeticamente e colloca-se sobre o fogo ou local quente durante sete ou oito dias, ao fim dos quaes se espreme o algodão que deve conter o oleo aromatizado pelo contacto com as flôres.

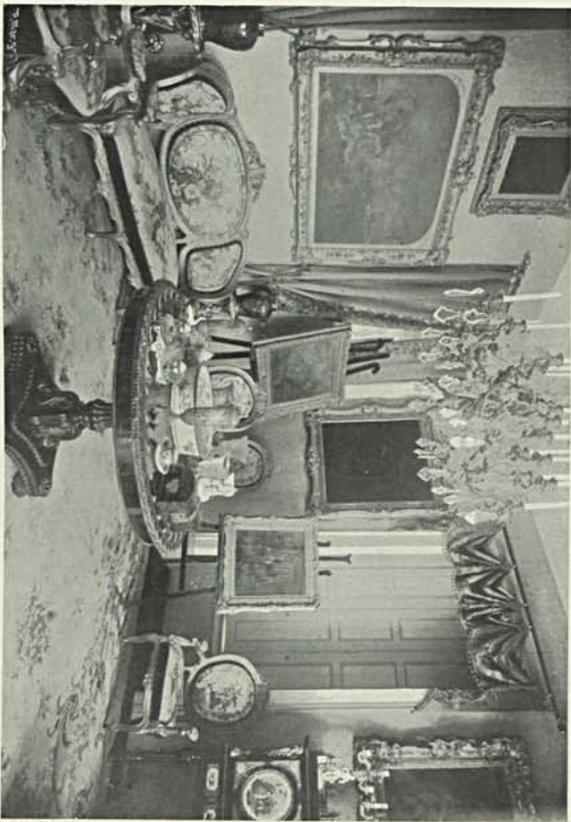
O oleo assim preparado pode ter applicação em pomadas e obteem-se essencias de notavel suavidade, tendo em contacto 60 a 90 grammas d'este oleo com espirito de vinho puro, durante alguns dias. Depois separa-se o oleo e filtra-se o alcool.

SALÕES, ATELIERS, INTERIORES

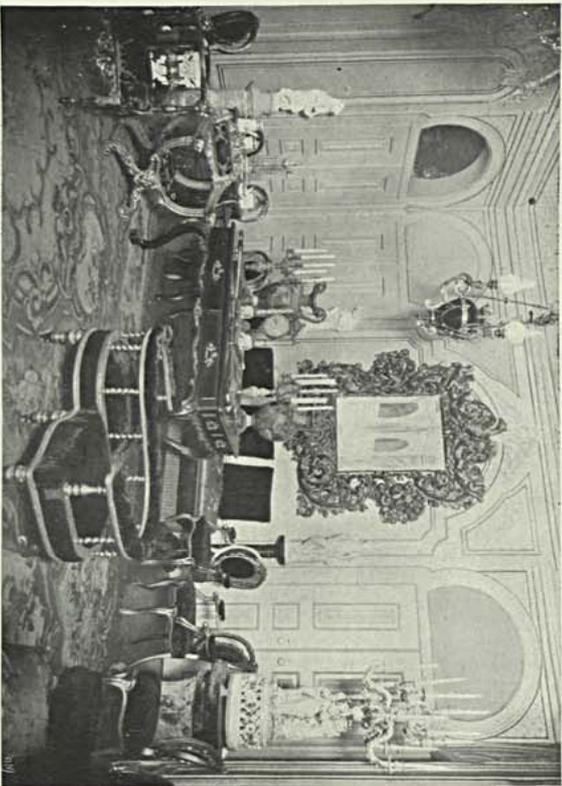
Alguns aspectos dos aposentos dos condes de Santar



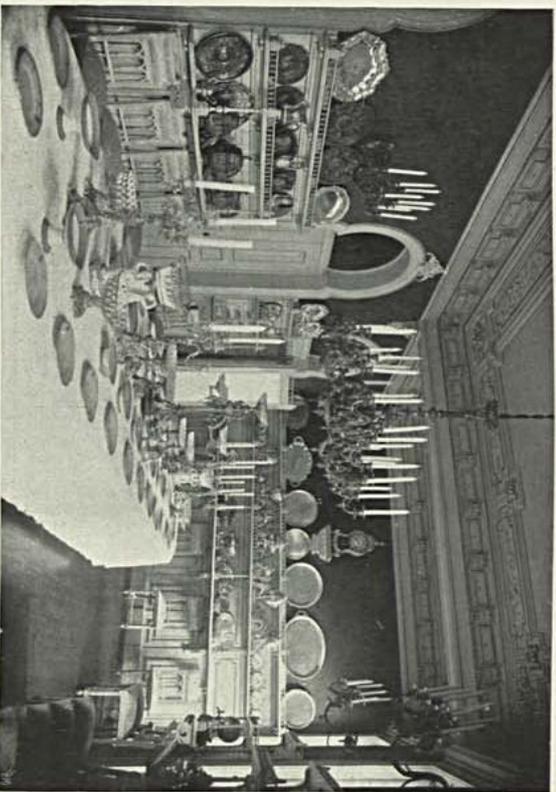
SALA DOS MOZAIÇOS



SALA LUIZ XIV



SALÃO DAS ESTÁTUAS



SALA DE JANTAR

Fontoura Xavier

Fontoura Xavier é poeta insigne e diplomata de rara destreza. Representa brilhantemente o Brasil nas republicas da America Central. Uma qualidade adorna Fontoura Xavier em grau eminente: o amor da sua patria. Dante e Quevedo exerceram cargos diplomaticos. Almeida Garrett e Mendes Leal, grandes poetas, foram diplomatas excellentes.



Fontoura Xavier

Ministro do Brasil na America Central

Em Fontoura Xavier equilibram-se duas faculdades: a razão e a imaginação.

Pensa e sente.

E' um poeta d'este seculo, percebendo a fundo as suas tendencias e aspirações.

O poeta é um homem do mundo, accessivel a todas as idéas generosas, a todos os sentimentos honestos, modesto e reflectido, que sabe conversar com a Musa, na sua hora e ensejo proprio, sem affectar estar continuamente viajando nas regiões da pura idealidade.

O illustre litterato Rubén Darío, considerado o primeiro escriptor da lingua hespanhola, actualmente, disse que Fontoura Xavier occupa na poesia um logar eminente, pelos seus rasgos de genio.

Ha traducções em hespanhol das poesias de Fontoura Xavier.

E' do poeta José Santos Chocano, de San Salvador, a traducção das *Cataratas do Niagara*, descriptas genialmente pelo poeta brasileiro:

Desplegadas florestas en linea de batalla
Aparecen transidas de un gran terror que calla,
Como si se asombrasen ante el final de un mundo,
Quando el Niágara, en golpes dilatados y roncós,
Cae precipitado, colérico, iracundo,
Estremeciendo peñas y arrebatando troncos.

Cumbres imperativas y selvas seculares
Pásmanse oyendo, á modo del eco de los mares,
De caída en caída, los trágicos acentos;
y más allá, en el amplio cielo, entre nubarrones,
Como la desatada jauría de los vientos,
Galopan y se pierden aullando los ciclones.

Mécense en el espacio las aves extasiadas.....
En las erectas puntas de árboles como espadas,
Se rasgan, con un gesto de dolientes banderas,
En un trajín confuso, las temblorosas brumas...
Las aguas caen..... caen..... como un tropel de fieras;
Y después huyen..... huyen..... como un pavor de espumas.

Catarata de siglos que rueda en borbotones,
Rozada por las nubes de flácidos girones
Volcada en la ancha copa de la brusca pendiente
Y enredada en la urdimbre de los densos ramajes,
Mientras que allá, á lo lejos, precipitadamente,
Se ven pasar manadas do búfalos salvajes.....

Párome frente á frente del tormentoso abismo;
Y tal me quedo viéndole extasiado, lo mismo
Que si viese de súbito el natal Corcobado
Teniendo al Amazonas suspendido en los hombros;
Hace un último esfuerzo; pero, al fin, fatigado
Deja rodar la mole como un turbión de asombros.....

Esta grandeza es sólo digna de nuestra América,
Tan fastuosa, tan áurea, tan febril, tan quimérica:
Solo ella tener puede concepciones tan grandes.
Al sur el Amazonas, el Orinoco, el Plata;
Al norte..... basta al norte con esta catarata
Que es como un mar esyendo de lo alto de los Andes.

E' o Novo-Mundo, em que a natureza é mais rica e luxuriante — terra em que a vida se multiplica por encanto, semeando o ar de harmonias e a terra de aromas.

O livro *Opalas*, de Fontoura Xavier, é destinado aos mais agradaveis prazeres do espirito.

No *Diario de Centro America*, publicou Fontoura Xavier um artigo consagrado a Joaquim Nabuco, embaixador do Brasil nos Estados Unidos, fallecido em Washington.

E', por muitos titulos, uma obra prima, de um escriptor de primeira ordem.

São muito formosas e gentilissimas a esposa e a filha de Fontoura Xavier.

O Brasil tem a melhor representação na America Central.

Visconde de S. Beaventura.

Morte do grande actor João Rosa

Um dos maiores, um dos mais poderosos cultores da arte dramatica em Portugal, acaba de desaparecer. Do palco desapareceu elle ha alguns annos, e comtudo o respeito pelo seu nome, a admiração pelo seu talento, a memoria das suas grandes creações, o culto publico conquistado pela sua arte, impunham-se de tal fórma que o glorioso extincto de hoje nos deu a impressão de ter sido arrebatado pela morte, não ao modesto catre de uma Casa de Saude, mas ao palco de um theatro, em plena aura de triumpho, no dominio absoluto das suas grandes faculdades de artista.

A morte de João Rosa, sobre a qual apenas algumas horas estão decorridas, é em Portugal um acontecimento sensacional e doloroso.

Porquê? Porque ninguem como elle conjugava em tão nobre proporção com as qualidades de actor as qualidades de character. Era um artista e um *gentleman*, era um homem de talento e um homem de bem. No tracto social, em primores de educação fidalga, ninguem lhe levava a palma. Ninguem como elle puzera nas suas personagens tanto brilho, tanta honestidade e tanta consciencia. Era um mestre e um consagrado, dando a impressão, através do seu despretençioso porte, do seu ar bondoso e placido, de pedir desculpa a todos de ser quem era.

E' interminavel a galeria das figuras que interpretou, procurando em todas fazer desaparecer a sua personalidade e imprimir com os multiplos processos de arte de que dispunha a individualidade que reproduzia em scena. *O Yago*, *do Othello*, *o Abbadé Constantino*, *o Prior*, *dos Velhos*, *o Domingos*, *do Segredo de confissão*, *o Cardeal de Richelieu*, *o Luiz XI* e *Filippe Darlay*, e *o Rebello*, *da Triste Viwinha*, e *o Mongicour*, *da Lagartixa*, *o João Baptista de Torelli*, da tragedia de Coppée, e, em summa, toda essa enorme galeria de papeis por elle representados desde a sua estreia no Porto, em 13 de dezembro de 1864, na comedia *Jóias de familia*, de Cesar de Lacerda, até ás suas ultimas creações que foram: *o padre*, *do Solar de Veiros*, de Julio Dantas e *o galan das Fogueiras* de S. João, attestou as prodigiosas faculdades d'este artista em que a emoção e a observação rivalisavam por vezes, tal era o poder com que elle transmittia aos que o viam e escutavam enlevados o sentimento e a verdade.

D. Maria foi o theatro principal das suas glorias. Foi lá que creou as suas grandes personagens. Passou tambem pela *Trindade*, por *S. Carlos*, pelo *Principe Real*, pelo extincto theatro das *Variiedades*, onde representou com Furtado Coelho e Lucinda Simões, por *D. Amelia*, que foi o ultimo, mas foi pelo palco de *D. Maria* que desfilaram as suas creações memoraveis, foi o publico do velho *Normal* que o consagrò artista eminente. Fez mesmo parte da empresa Rosas & Brazão que com tanto prestigio para a arte explorou durante alguns annos aquelle theatro.

Pelos seus meritos foi agraciado com as commendas de S. Thiago e de Isabel a Catholica, mas raras vezes as poz ao peito porque a sua modestia era tão grande como o seu valor.

Professor da extincta escola da arte dramatica, as prelecções que lá fez aos seus discipulos eram a demonstração dos seus grandes conhecimentos do theatro e do *métier*.

D'essa trindade brilhante, constituída por João Anastacio Rosa — "o pae Rosa", — o mestre por excellencia do theatro moderno portuguez, porque foi elle que com Taborá mais e melhor imprimia a naturalidade ás suas creações, por Augusto Rosa, e por elle, o artista agora extincto, só resta "o mano Augusto, outro grande actor, que pranteia desolado a morte do seu querido companheiro durante quarenta annos dos seus trabalhos e dos seus triumphos.

Valença do Minho

Os sete baluartes de Valença do Minho são uma enternecedora cathedra para um patriota dar uma lição de historia. Como unidade de defeza morreu para o mundo; o bronze das suas peças anda por ahi affeioado pela fundição industrialista; mas o seu afortalezado polygono é ainda uma nobre sobrevivencia, com fidelidade bastante para se reconstituir a vida d'uma praça d'armas.

Valença do Minho



Porta da Coroada

Mobilizados pelo caminho de ferro ou pela leal estrada carreteira do districto de Vianna, vamos dar com Valença que nos recebe com o aspecto d'um forte dormindo vestido na vespera d'um assédio ou, então o d'uma praça que repousa d'um feito.

Não ha o rumor da vida das cidades ou mesmo o formigueiro laborioso das vilas.

Peniche, mais pobresinha talvez do que Valença, de longe dá signal de si, com a creançada correndo a festejar-nos, e, desde Peniche-de-cima a Peniche-de-baixo a mulher trabalhando á porta na almofada, o pescador tecendo o grosso entremeio das rédes.

Tem o perfil de qualquer nucleo de beira mar, e é preciso ir á orla d'agua, deixar a povoação, para dar com o forte.

Valença é a praça d'armas typica, contendo toda a povoação que, como boa filha, não tenta saltar o vão, e, excepto os dois hotéis do Largo da Estação e dois ou tres ligeiros immoveis da estrada, ali continua a viver, acompanhando a velhice d'aquellas muralhas careadas, sem curiosidades nem ambições.

Quem quizer procurar um morador tem de atravessar a ponte levadiça, e louvar a Deus se as correntes já não rangem ao toque do recolher como ha poucos annos que as chaves das portas dormiam debaixo do travesseiro do governador da praça!

Sitiada pela vista, Valença é uma meiga collina abaluartada, á mão esquerda d'um rio, arreganhando os dentes dos seus angulos para quem quer que ouse levantar os olhos para a povoação ingenua que ella enfaixa nas contra-guardas; por sobre os torvos fossos um risonho amesendado de casaria, espertada pelo azul sensual do céu peninsular, namorando aldeiasinhas gallégas que, dos cabeços louços da outra margem, lhe acénam o lenço amigo da visinhança.

Passeada, a Tuy portugueza, parece saida d'umas excavações, assim inviolada na sua flagrante hora do seculo xviii.

Depois do anoitecer, duas pessoas que param a conversar numa rua de Valença dão a alucinação de que trocam noxidades sobre a situação do inimigo e a iminencia da pugna.

Os postigos da praça parecem olhar desconfiados e atentos as linhas avançadas d'uma força sitiante.

Sentem se os passos de infantaria 21, regressando enlourada da guerra da Peninsula, e as correntes das levadiças querem parecer-nos que vão levantar-se para acautelar os mordedores, e isolar a praça, pondo entre ella e os contrarios um cemiterio em cada pollegada de fôssos.

E' uma pagina de granito armoriada a sangue portuguez, a sepultura d'uma grandeza militar, uma campa abandonada que apenas criptogamicas visitam.

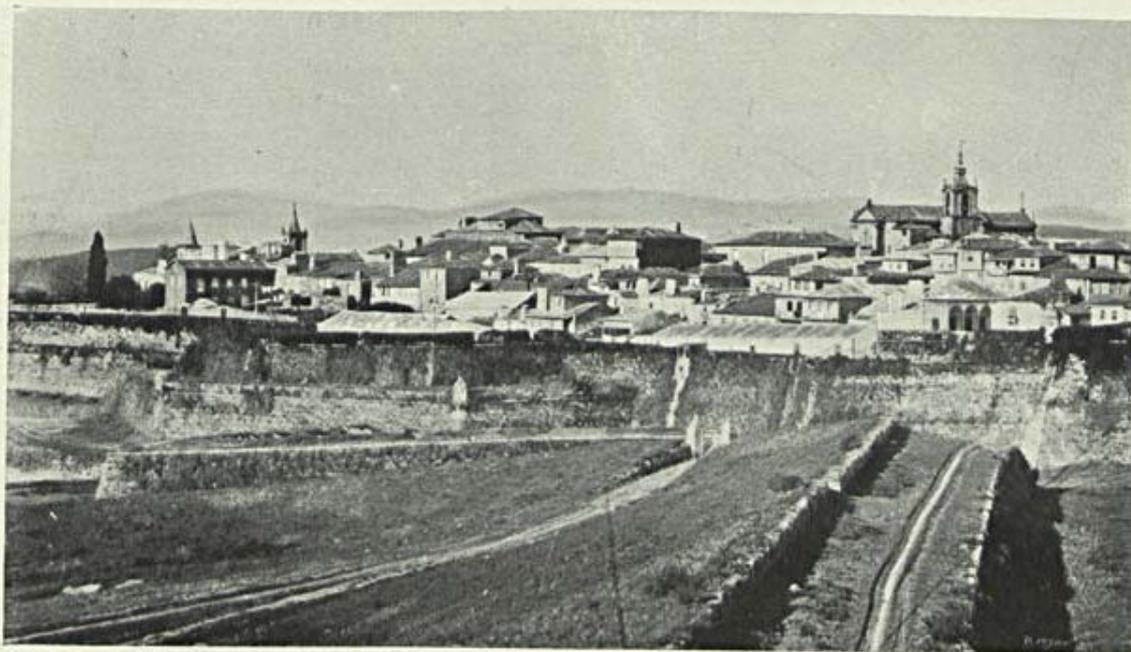
Não inspira o orgulho que brota da presença da força, atrás como a narrativa d'um macrobio que ao favor da braseira possa falar nos do tempo dos francezes e apontar-nos Soult a querer salvar o rio entre Caminha e Valença.

Os seus revelins, as suas portas, as suas pedras, a esplanada, o viver antiquado d'uma povoação ainda enfaxada na cinta mediéva, as proprias valas dos contrafortes, as mesmas hervas que se insinuam nas juntas, intrigando as pedras do poligono umas com as outras, tudo encaminha o animo mais alegre para uma melancolica evocação de idades heroicas.

Longa e branca, uma vivenda domina: o palacio do governador da Praça.

Os seus fortins é que já não se domina hoje senão um panorama encantador, que as arremetidas da tactica essas nem a vêem, á pobre velha!

Ao sopé do baluarte do Socorro o Minho idílico glósa os mótes que lhe dão as veigas das ourélas; da outra banda, as agulhas da cathedral de Tuy, rodeadas d'um paganismo de granjas verdes que vão ajoelhando pelo outeiro arriba, e mais lá espinhas de sêrros alcandoradas, correndo á compita com as aguas do rio desde Castella ao Atlantico, até esbarrar com a serra d'Arga; cambando para leste, a freguezia de Ganfei, passando nas suas camândulas os doze séculos do seu viveiro mostense; e a occidente, as freguezias



Valença do Minho. — Aspecto geral

zias de S. Pedro da Torre, com suas *thermas* santas, suas águas ferruginosas, e Chamosinhos, e Roborêdo, e o rio, o rio Minho, uma arca de salmão e de lampreias, colcha de lhamas com uma franja luxuriante bordada por cada margem.

E por onde quer que a vista acampe são cimeiras verdes de pinhal, são veigas, parreiras dionisicos, o termo frondoso e georgico de Valença.

Todavia, Valença não mereceu mais dos homens, ella que tanto mereceu a Deus, do que ser uma victima da sua abnegação e das suas virtudes.

Ella é, como povoado, tão maltractada pela ingratição humana, como certos homens que em troca da sua dedicação só encontram a indifferença e o desprezo quando lhes bate á porta a pobreza, ganha numa vida inteira a sacrificar-se por egoistas.

Fóra dos seus dias de mercado que agitam a Rua de S. João, Valença não tem vida, não tem sangue.

E' uma povoação fronteiriça: isto é, uma povoação onde se vê já o avental gallego, a blusa de malha das fabricas catalãs, a boina do castelhano, o cabás espanhol no braço da creada, e as botas de pêlo de cabra nos pés das creanças; uma povoação que tanto pôde pertencer ao lado de lá da ponte, como ao lado de cá, onde a cosinha, o vestuario e a linguagem já tem seus ressaibos ibericos, demonstração de que a nossa provincia do Minho não será completa em quanto a Galliza pertencer a Espanha, e nós não pouparmos as pernas do general Weyler indo ao encontro d'elle.

As povoações de fronteira são, como o chá, sujeitas a tomar o cheiro dos generos que lhes estão proximos, e por mais separadora que seja a historia d'um povo, as necessidades da vida são superiores e mais fortes do que as razões ethnicas e politicas.

Em toda a nossa raia sêcca se dá o mesmo phenomeno, mas no Minho tem elle uma explicação mais forte do que a simples theoria do contagio: é que a Galliza e os gallêgos, desde o seu tipo, ao seu caracter, á sua honradez, á sua tenacidade no trabalho, á sua lingua, á sua poesia, o que são elles senão portugueses, senão minhotos!

E anda já na cõr e no ar e no ouvido um pouco d'essa galhardia da Galliza das cathedraes e das buenas-dichas, dos *frailles* e dos capadores, das castanholas e das herdades!

De modo que quem passa por Valença, bate lhe á porta a pedir a pousada d'uma noite ou o almoço presto, deita mais gasolina no automovel e lá vae para Vigo ou para Melgaço, sem mais se alembrar d'aquella hospitaleira minhõta em casa de quem pernoitou ou comeu uma boa pratada d'arrõs á valenciana, acolitada por uma authentica caneca de vinho verde.

No passado, foi um reducto, uma vedêta da fronteira luso-espanhola; hoje é um porto de saída para as *escapades* á Galliza ou uma sala de espera para os aqistas que demandam Melgaço ou Mondariz.

Esses, como sóem passar quando o estio aperta, chegam ali suados e moidos de andarem baldeados pelas chapas escaldantes dos vagões do caminho de ferro, e nem estão para subir a rampa da praça que leva a uma das portas.

Miram da portinhola da carruagem ou do comboio os contra-

muros da fortaleza e ajuntando-lhe a fugaz travessia da *Ponte Internacional* supõem ir fazendo uma idéa completa de Valença.

Pobre terra que só te procuram para te repudiar, só te querem por te não quererem, só te batem á porta para que lhes mostres o verdor de Melgaço ou a sala de baile do Peñadero, para que os apresentes aos teus vizinhos.

E se uma *panne* demora o automovel do teu hospede, elle vae a pé ou frêta um trem para ir escoldrinhar Tuy, saudar a cathedral,



Valença do Minho. — Estação do caminho de ferro

bater os armazens de modas, á cata de peúgas baratas e sêdas pobres, mas ao agosto seio dos teus muros historicos poucos são os que se afoitam.

Voltam, invejando-te a estação do caminho de ferro, dizendo maravilhas da Ponte Internacional mas sem saber quanto é grato entrevistar as silvas dos teus reductos.

Quantos admiradores do conde das Antas não ignoram que o camarada de Saldanha é um valenciano! quantos colleccionadores miguelistas não terão truncados os seus museus por se não recordarem de que Frei Matheus da Assumpção, geral da ordem dos Be-



Valença do Minho. — Rua de S. João

nedictinos, e filho de Valença, foi um dos famosos oradores sagrados do reinado de D. Miguel que o mandou numa embaixada extraordinária a Vienna!

Os homens não te conhecem nem te estimam.
Só o tempo venéra as tuas pedras venerandas!

Lisboa, fevereiro, 1910.

JOAQUIM LEITÃO.



Valença do Minho. — Palacio do governador da praça

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Um sujeito que todos nós conhecemos. O homem das más novas. O meu cabrion. O que elle me diz, como elle me arrelia, como elle estraga os meus melhores dias. — Os bons alviçareiros. Dois amigos desconhecidos. Os que nos avisam da chegada das andorinhas. Vem ahí a Primavera! Vamos ao encontro d'ella. Quem nós encontramos. Aquelle biltre! O sol não devia nascer para todos.

Qual dos meus leitores não conhece uma, duas, muitas pessoas, excellentes pessoas, para quem a maior magoa é dar uma má notícia, mas que tem sempre enorme pressa em a comunicar áquelle a quem maior abalo a nova possa produzir? Nem um haverá que ao ler essa interrogação deixe de abanar a cabeça em signal de assentimento e não diga com os seus botões: «Oh se conheço! E quantas!» São aos cardumes, esses singulares bichinhos de que a gente se não livra nem á mão de Deus Padre; em que se tropeça pelas ruas, que nos entram em casa pelo buraco da fechadura, que nos escrevem cartas compungidas... «não imaginas quanto sinto dizer-te isto, avisar-te d'aquillo...» Eu creio que ha creaturas que não pensam nem fazem outra coisa que não seja arreliar o proximo. Conheço um homem de lunetas com aro de tartaruga, barba crespa e chapéu de palha preto, n'estas condições. Nunca o vejo que um frio mortal me não percorra a espinha. Já sei que vou ter semsaboria mais ou menos grossa. E' fatal. Encontro-o em esquinas, á porta das lojas, no café, no theatro, com um ar de mocho que aterra, os olhos luzindo como brazas por traz das lentes, mirando toda a gente que passa, á procura de uma presa. Sou eu um dos que passa. Sou eu a presa. Caé sobre mim. — «Então você já sabe?... Elle sempre ha coisas bem tristes! Succedeu isto, vae acontecer aquillo, pode muito bem vir a ser aquell'outro... Ora veja você! Bem se diz que os trabalhos se levantam debaixo dos pés! Ora veja você, homem! Isto deve custar-lhe muito, eu sei, eu conheço-o, eu bem avalio... Mas tenha você paciência, que se lhe ha de fazer! Uma d'estas ninguem a espera, bem sei, mas que lhe havemos de fazer!... Adeus, adeus, vou á vida.» Deixa-me e vae á vida. Ir á vida é ir em cata de outro desgraçado a quem estrague o dia, arreliando-o medonhamente com uma má nova, uma insinuação, uma miserrima coscovilhice, uma infamia, porventura uma calumnia. Nunca ouvi d'aquella bocca sinistra escondida no matalgal da bigodeira uma palavra alegre ou pelo menos sem significação triste, uma d'estas banalidades anodynas que se ouvem a toda a gente. Isso sim! E se alguém em boas disposições avança para elle e lhe diz palavras em que transpareça o bom humor, uma feliz disposição de espirito, o bem estar d'essa hora, os olhos fuzilam relampagos, a lingua entaramela-se-lhe e regouga logo: «Está muito satisfeito, ao que parece! Ainda bem, ainda bem! Deus lhe conserve essa feliz disposição. Ha pessoas para quem a vida é toda rosas. E você parece que é uma d'ellas! Pois ainda bem, ainda bem. Quem tal me havia de dizer ha pouco, quando alguém me fallou de si...»

— Mas o que foi?

— Nada!
— Não, alguma coisa foi!
— Nada, não foi nada!
— Homem, diga você.
— Não é nada, não é nada...
— Mau...
— Adeus, adeus. Não quero estragar-lhe essa magnifica disposição de espirito em que você está. Adeus!

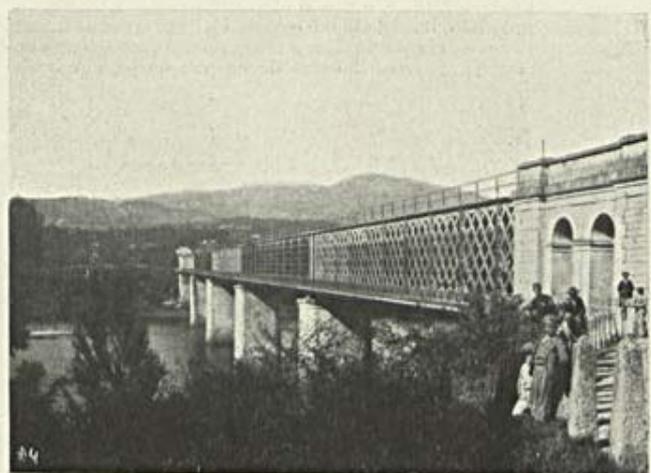
E safa-se. E não disse nada. Mas já me estragou toda a alegria, já me desorientou, já me fez perder a tramontana. Que sabe aquelle homem? Que disseram áquelle homem? Que foi? Que foi? Terrível coisa é, para elle não m'a querer dizer!

E afinal não é nada. Elle não sabe nada. Nada lhe disseram. Absolutamente nada. E como nada tivesse para me dizer e me arreliar, infiltrou no meu espirito aquella insinuação, aquella suspeita, aquella duvida... Estragou no entanto o meu dia, mas ganhou o seu. Eu não janto, obcecado por aquillo, pelas estupidas reticencias d'aquelle biltre que me fazem um nó na garganta, que bailam deante dos meus olhos, que me atormentam. Mas elle janta optimamente da sopa ao assado, da fructa ao queijo. Bebe até mais um copo. Não, que o dia correu-lhe optimamente. Infelicitou alguém, arreliou uma creatura, amargurou uma existencia. Um dia cheio, para aquelle biltre. E se n'essa noite eu sahir para tomar ar, hei de escorregar n'uma casca de laranja e partir a cara. A' mesma hora elle sae, compra um vigesimo da loteria e não apanha a sorte grande porque ella é que o agarra á força, não vá aquella rica prenda ficar sem o legitimo premio das suas lindas acções!

Para honra da especie devo confessar que ha duas creaturas, que infelizmente não conheço, ás quaes devo, todos os annos, momentos de satisfação. São dois alviçareiros anonymos, um de Villa Franca, outro dos Oliveas, que, ahí por volta de fins de fevereiro principios de março, avisam o *Diario de Noticias* da chegada das andorinhas. E' certo, é fatal. E não mandam em carta ou n'um bilhete postal a agradavel nova — é por telegramma. Nem mais, nem menos: por telegramma! Que bellas, que generosas almas! A pressa que ellas teem de dizer á gente: olha lá, vem ahí o bom sol, o céu azul, a temperatura suave, floração para as olaias, orquestras chilreantes para os arvoredos, perfumes para a athmosphera, lindas flores para a botoeira. Vá, põe-te a pé, levanta-te cedo, banha-te, salta para o meio da rua, sae as portas da cidade e vae por esses campos respirar o ar livre, beber o leite das cabras, colher uma flor nas sebes, ouvir chiar os carros, cantar as lavadeiras...

Ahí por fins de fevereiro, com intervalo de dias, os dois deram a boa nova: aos seus beirões haviam chegado as andorinhas, d'asas palpitantes, em grandes revoadas, descrevendo enormes circulos no espaço, vindas do longinquo Egypto onde tinham ido hybernar. «Chegaram as andorinhas! Chegaram as andorinhas! Ahí vem a Primavera!»

E a luz bemdita do sol ganhou mais intensidade, e o azul purissimo do céu mais se aveludou, e nos campos fecundados pelas chuvas a vegetação rompeu. Vem ahí a Primavera! Vem ahí a Primavera! De vez em quando ainda o céu se tolda e uma grossa batega cae. Ora, uma reclamação das levadas de março cuja corrente não engrossou o preciso! Mas logo a luz bemdita rasga o ventre das nu-



Valença do Minho. — Ponte internacional

vens, as esfarrapa, as dispersa, fazendo brilhar cada gota d'agua como um admiravel diamante nos gomos das arvores, na cabelleira fofa das relvas, nas petalas tenras das primeiras flores. Vem ahí a Primavera!

Ao fim das tardes, quando as primeiras sombras da noite caem como em diaphano e estranho scenario, á hora placida e religiosa do pôr do sol, o halito da terra, perfumado e quente, adensa a athmosphera, aromando-a d'um perfume estonteante. Luzem estrelas como brazeiros. E na immensa amplidão, o globo fosco da lua é como uma grande hostia consagrada elevada ao altar do Azul — communhão sa-

grada de poetas e sonhadores, d'almas puras, d'almas simples...
Vem ahí a Primavera! Vem ahí a Primavera!

No ar quente e sensual das noites, por entre o chocalhar dos rebanhos e os toques longiquos do Angelus morrendo de quebrada em quebrada, a voz fresca de zagaes e boeiras lançam cantos d'a-



Marechal Hermes da Fonseca

*Eleito recentemente presidente da Republica
dos Estados Unidos do Brasil*

mor ingenuos e lindos. Seus peitos arfam, seus corações palpitam com mais violencia, seus olhos fixam-se nas lagrimas d'ouro das estrellas, nas suas vozes ha não sei que de estranho e mysteroso, quasi mystico... E' que vem ahí a Primavera!

Hontem acordei muito cedo. Dia lindissimo — um encanto. Toca a levantar. E sahi logo, á procura de electrico que me levasse até o Arieiro para depois seguir a pé até onde Deus quizesse e por lá andar, andar, andar até estafar, e por lá almoçar, debaixo d'uma arvore, longe de tudo isto, da cidade infecta, da civilisação mais infecta ainda, da gente que falla de politica e outras patifarias — longe especialmente d'aquelle horrivel homem de chapéu de palha e barba

aos mólhos, com lunetas d'aro de tartaruga no nariz e palavras de desolação e peçonha na boca. Sobretudo longe d'esse maldito!

Puz-me a caminho. Em pleno campo, em pleno ar, em plena luz, respirei fundo. Emfim! Estirei-me sob uma arvore, abri o meu farnel e com appetite devorador ia levar o primeiro naco a boca quando subitamente...

Um estremeção sacudiu-me violentamente. Uma voz conhecida, terrivelmente conhecida, gritava-me: «Olá! olá! por aqui?!»

Era elle, o maldito! Era elle, com o seu chapéu de palha preto, com a sua horrivel barba aos molhos, a sua luneta d'aro de tartaruga no nariz! Era elle, sorrindo hediondamente por traz do matagal da bigodeira, os olhos luzindo-lhe como brasas por traz das lentes!

Ergui-me d'um salto. E antes que elle proferisse mais uma palavra, gritei-lhe:

— Sou eu, sou, sou eu! Goso o meu dia, aqui, só, respirando com delicia este ar puro, embebendo os olhos n'este diluvio de luz — fruindo toda a magia d'este dia encantador. Sou eu, sou, um pagão que presta o seu culto á Primavera, a esta esplendente Primavera...

— Tá, tá, tá... interrompeu elle. Fie-se n'essas! Ainda temos muita agua, muita chuva. E muito frio, mas mesmo muito frio! Verá, verá! Fie-se n'essas. Isto é março. Ainda não veiu a grippe e a pneumonia. E não falham, verá que não falham. Ainda ha-de morrer muita gente por causa das depressões atmosphericas. Não ha que fiar! Isso sim! Ainda havemos de ter ter muita agua, muito frio, mas muito. Adeus, adeus, vou á vida...

E safou-se. Eu seguia-o com o olhar, cheio de fel, cheio de odio. Aquelle biltre! Aquelle grande biltre! Nem alli me via livre d'aquelle biltre!

N'isto, voltou-se. E fazendo girar a bengala gritou:

— E a 18 de maio o cometa, hein? O cometa, que ha-de arrasar tudo. E verá que arrasa, oh se arrasa!

E no alto o sol continuou a brilhar para mim — e para aquelle biltre...

CAMARA LIMA.

O coração tem dois quartos;
N'elles moram, sem se vêr,
N'um a Dôr, n'outro o Prazer.

Quando o Prazer no seu quarto,
Acorda cheio de ardôr,
No seu, adormece a Dôr.

Cuidado, Prazer! Cautella...
Falla e ri, mas devagar,
Não vás a Dôr acordar.

ANTHERO DO QUENTAL

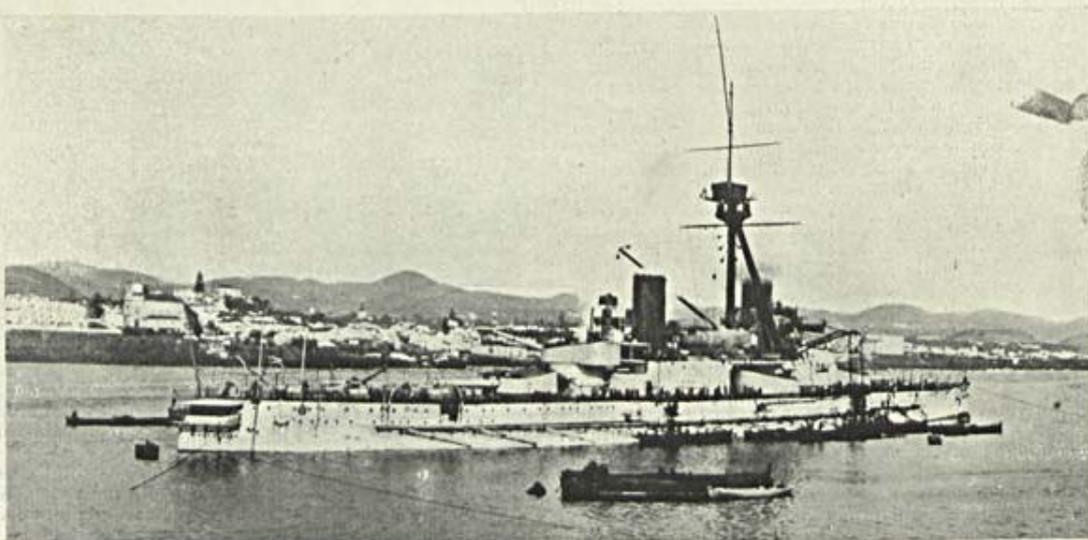
No bengaleiro d'um theatro:

— Dê cá o meu casaco.

— A sua senha?

— Deve estar n'uma das algibeiras. Guardei-a lá para a não perder.

Marinha de guerra brasileira



O grande couraçado «Minas Geraes» ancorado em Ponta Delgada



RESPOSTAS

Elsa, Porto. — Concorrer para a felicidade de alguém é alcançar d'ella uma grande parte. Não exija v. ex.^a mais.



«Matinée» de cambraia

Maria, Lisboa. — Nem sempre. O que parece muito bonito hoje pôde parecer feio amanhã. Peça v. ex.^a a Nossa Senhora que a inspire.

Ludovina, C. B. — São sortilégios innocentes e engraçados. Ajudam a passar o tempo!...

Quanto ao resto... *Sim.*

Maria Antonia. — Parece-me ser verdade. Não faça v. ex.^a juízos temerarios... Pôde arrepende-se depois.

Cacilda. — Da melhor vontade. Previna porém, v. ex.^a

Kimono «deshabillé» em «ponjés» verde escuro enfeitado de velludo

com tempo. Ser-me-hia muito desagradavel deixar de a satisfazer!

Jôe, C. — *Ies, but it must... to see...*

Generosa. — Acho imprudentissimo. Com a lealdade de sempre direi a v. ex.^a que de *fôrma nenhuma!*

Pôde lembrar coisas que só existam na sua imaginação...

Maria do Céu. — Sim, minha senhora, flores, santinhos, tudo o que quizer. Acho seriissima a casa, e não me parece tenha de se arrepender! Dirija-se porém, v. ex.^a para lá. Luiza não tem saude nem tempo para tratar de nenhuma d'essas cousas; mas pôde indicar *pelo correio* o que as suas amigas lhe perguntarem sobre casas de modas, perfumarias, floristas, etc. Aqui, não, teria um ar de *réclame*...

Jeca. — Agradeço muito, muito. E depois de ler, direi...

Alba. — Com a idade, muda-se completamente, minha senhora. Ainda v. ex.^a ha de gostar de tudo isso. Conserve... conserve!

Magdalena. — O tempo, minha senhora, o tempo... é só o tempo!

Adelina, G. I. — Com que resignação v. ex.^a deve ter encarado esse acontecimento!!!... E' caso para parabens!

Emma. — Nem sempre as cousas são o que parecem... Creia v. ex.^a isto... repare... veja... com attenção, com prudencia e depois... decida! E' o melhor.

Bertha. — Pôde v. ex.^a ir de manhã. E' mesmo a hora melhor.

Maria, A. S. — Só lhe posso dizer que *sim.*

Pôde mandar o que preparou primeiro. Acho optimo!

El C. — Poupe v. ex.^a a pureza do seu espirito e a tranquillidade da sua alma... Afaste esses pensamentos *todos* e lembre-se de que *para ser invencivel*... basta cada um estar bem com a sua consciencia!

Meg. C. N. — A modestia do valor, não se confunde, minha senhora.

Hannah. — Não insista v. ex.^a, e console-se pensando em que ha pessoas que nunca podiam ter certas fortunas.

Maria L. Lisboa. — A doçura faz milagres! Porque não experimenta?

Bertha B. A. — Uma das senhoras mais virtuosas e de mais espirito



Vestido de «voile» lilaz enfeitado a seda da mesma cor com bordados a prata. Chapéu de palha d'Italia com plumas



Corpete em «tennis» e avental de zephir



Toilettes infantis

Casaco em «cotellet bejjes»

Fatinho de rapaz em cachemira cor de toupeira

Vestido de setim de la Chantecler

Vestido de sarja cinzenta

que eu conheço, disse um dia na minha presença: *ter raiva aos espiritos fracos!* Quantas vezes esta phrase me tem vindo ao pensamento e animado em certos casos! A sua carta fez-me tornar a recordal-a! E no seu caso a unica solução é *reagir!* Tudo mais é *desdouro!* Creia isto.

Marianna, Elvas. — E' questão de dias. Tenha v. ex.^a a certeza de que já tem *voltado* quando esta resposta lá chegar! As cousas muito vivas passam mais depressa.



Penteado elegante, modelo «Sans Gêne»

Carmina. — Já deve ter recebido o que pedia, e para o que quizer mande.

Loma Ilha. — Também me parece! Conservar, porém, sempre a liberdade de espirito é o melhor.

Passada a primeira impressão é que é *considerar os factos e as palavras* . . .



Penteado de «soirée»

Maria do Céu, Beira. — Alegrou-me a sua carta! Tinha verdadeiras saudades das minhas amigas e o maior interesse em saber de todas ellas. Consola-me ver que não fui esquecida. . . Da melhor vontade lhe darei as explicações que precisar porque, n'estes assumptos, tenho pessoas abalisadas a auxiliar-me nas respostas.

Deve receber pelo correio a resposta integral á sua carta.

LUÍZA.



Por enquanto nada está definido para a proxima estação. As saias e casacos estão ainda em voga como os vestidos mais praticos. E os casacos usam-se de todos os feitios — curtos, compridos, jaquettes etc. — As blusas russas com cinto, sendo bem talhadas, são de notavel elegancia.

Os tecidos variadissimos também, sendo o *tussor* de todas as côres ainda muito usado para vestidos leves.

As pelles, apesar dos lindos dias de sol, continuam na moda e sendo indispensaveis, mais ou menos ricas segundo os meios de que as donas podem dispôr.

Contaram-me ha dias que em Paris uma das rainhas da moda apresentou ultimamente uma linda *parure* em pelle de gato. A pelle era de uma belleza incomparavel e unica!

Se a moda pega por cá, têm de precaver-se as donas dos lindos gatos d'estimação.

Os chapéus são também de uma variedade extraordinaria e voltam a usar-se os bonnets com barras de velludo, de contas, de bordados, etc.

Uma das *toilettes* mais lindas vistas ultimamente em S. Carlos era de seda branca, toda bordada a ouro e prata, fechando no peito com uma linda *agrafe* de brilhantes e um ramo de rosas chá.



D. Maria, *O Burguez Fidalgo*, de Molière, adaptação de Eduardo Garrido — *Dó Sustenido*, peça em 1 acto de Mario de Almeida — *Gymnasto*, *No Resalto*, comedia em 3 actos, original de Raphael Ferreira — **D. Amélia** — *Príncipe Real* — *Colyseu dos Recreios* — *Rua dos Condes e Trindade*.

Adaptou o sr. Eduardo Garrido á scena portugueza com extrema felicidade a comedia de Molière: *Bourgeois gentilhomme*, uma das mais interessantes do grande classico francez. A peça, que no original tem 5 actos, foi reduzida a 3; e, a par da sua graça primitiva, recheou-a o distincto escriptor — excellent manuseador da nossa lingua — com innumerables trocadilhos, genero da sua especialidade, sem comtudo lhe alterar o sabor da epoca nem o desenho das personagens, que são das mais bem observadas no theatro de Molière, pois reproduzem typos de todas as epocas e de todos os paizes. *O Burguez fidalgo*, *mr. Jourdain*, vive ainda hoje ao nosso lado com todos os seus ridiculos e pretenções; topamos com elle a cada passo, empavonado, muito contente de si, com ar superior. E a prova evidente da sua actualidade é que, desde então, elle tem fornecido o assumpto para muitas peças de theatro; e haja em vista o *Genro de mr. Poirier*, de Augier. Unicamente, com esta differença: aquelle é filho de uns modestos negociantes de pannos, e este um grande industrial, millionario e capitalista, mas em quem se repercutem as mesmas aspirações de *mr. Jourdain*. Tanto Molière como Augier viram o burguez na sua epoca, e assim nol-o apresentaram, imprimindo-lhe cada qual a sua fórma litteraria. Não menos verdadeiro e interessante é o typto do sr. de Dorante, fidalgo genuino, mas arruinado, que explora a vaidade do burguez idiota.

Sahi-u-se airoosamente das difficuldades do papel do *burguez* o actor Joaquim Costa, sem o minimo exagero e com a maxima naturalidade. Ignacio, no papel do creado de *mr. Dorante*, foi superiormente; é um dos seus trabalhos mais completos e que mais nos tem agradado; é impossivel representar melhor. Lucinda, na *M.^{me} Jourdain*, a grande actriz de sempre, assim como Adelina Abranches, n'um pequeno papel, que representou com muita graça e vivacidade. Carlos Santos imprimiu ao *mr. Dorante* a pretenciosa finura que o papel demandava. Augusto de Mello foi um mestre de philosophia primoroso, concorrendo para a boa harmonia o trabalho dos srs. Mario Velloso, Antonio Costa, Thomaz Vieira e Calazans.

— *O Dó Sustenido*, do sr. Mario de Almeida, é um acto ligeiro, em verso, que revela excellentes qualidades de poeta no seu auctor e nos interessa pela finura do dialogo. Os dois principaes interpretes — Augusta Cordeiro e Carlos Santos — foram correctissimos no seu trabalho sendo muito justamente applaudidos.

— O sr. Raphael Ferreira na sua comedia *No Resalto*, que ultimamente subiu á scena no *Gymnasio*, mostra-nos typos curiosissimos cheios de *verve* e situações d'um comico inexcedivel, embora recorrendo a processos velhos, que afinal são os que o publico mais aprecia. O actor Henrique d'Albuquerque, que a levou na sua festa artistica, tem n'ella um dos seus melhores trabalhos, sendo primorosamente secundado por Telmo, Alegirim, Judith, Maria del Carmen e Rosa de Andrade. Deve ter longa vida, porque agradou sem reservas. O **D. Amélia**, prepara para breve a peça de grande espectáculo *A Santa Inquisição*, original do illustre escriptor, o sr. Julio Dantas. No *Príncipe Real* continúa em pleno successo a revista *Sol e Sombra*. O *Colyseu dos Recreios* apresentou-nos uma excellentre companhia de variedades, que tem obtido um exito extraordinario. O *Fado e Mazieze* continúa fazendo as delicias dos frequentadores do *Rua dos Condes* e na *Trindade* está em ensaios a peça *Moirá de Silves*, de Lorjô Tavares, que subirá á scena no dia 18, com scenario e guarda-roupa novo, que nos dizem ser luxuosissimo.

Ruy.